



## COMO FILOSOFIA E AMBIENTE SE RELACIONAM PARA A CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADES QUENTES E SOCIEDADES FRIAS?

Por: Fernanda Daniela Prado<sup>1</sup>

**E**m tempos de Antropoceno<sup>2</sup>, é inevitável ressaltar que durante o Holoceno (o Todo Recente)<sup>3</sup>, as atividades humanas tornaram-se gradualmente uma força geológica e morfologicamente significativa.

---

<sup>1</sup> **Informações sobre a autora:** Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina-PR; Especialização lato sensu em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual de Londrina-PR; Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná; Professora da rede pública e privada de ensino em Curitiba-PR. **Email:** [ferprado2005@gmail.com](mailto:ferprado2005@gmail.com)

<sup>2</sup> O termo Antropoceno, foi sugerido pela primeira vez em um artigo do ano 2.000 por Paul Crutzen e Eugene Stoermer, ou seja, a noção de que adentramos uma nova era (a humanidade como força geológica).

<sup>3</sup> Na escala de tempo geológico, o **Holoceno** ou **Holocênico** é a época do Período Quaternário da Era Cenozoica do Éon Fanerozoico, que se iniciou há cerca de 11,5 mil anos e se estende até o presente, onde a humanidade se desenvolveu.

Ao propor o conceito de Antropoceno, é mais apropriado enfatizar o papel central da humanidade tanto na geologia quanto na ecologia. Alguns exemplos podem afirmar que a época geológica atual traz consigo uma modificação da relação do homem com a natureza, a saber: durante os últimos três séculos, a humanidade e a conseqüente urbanização cresceram dez vezes, e com isso está exaurindo os combustíveis fósseis; o aumento de gases estufa; a extinção de várias espécies; mudança no uso do solo, poluição química e taxa de aerossóis atmosféricos, etc.

A crise climática é uma manifestação de uma etapa do desenvolvimento capitalista. Tal sistema impõe novas pressões sobre o sistema da Terra e aguça brutalmente a crise ecológica que vivemos atualmente. Com isso, pode-se afirmar que estamos em meio a uma crise ecológica sem precedentes para a civilização e diante de tantos dados alarmantes de que o futuro que nos aguarda será catastrófico, graças à ação humana predatória (principalmente no que se relaciona ao capitalismo industrial) sobre o sistema da Terra, não se assemelha em nada com o ideal de progresso e emancipação da Idade Moderna.

Como interpretar a partir do exposto o conceito de Antropoceno? O triunfo do homem ou a dissolução do homem? Quais seriam os motivos “espirituais” do Antropoceno?

Na tentativa de responder tais questionamentos, faz-se necessário o auxílio de outras áreas do conhecimento, como por exemplo, a entropologia, que pode ser entendida como o estudo da entropia<sup>4</sup>, cuja definição a partir da termodinâmica clássica, seria uma grandeza termodinâmica associada à irreversibilidade dos estados de um sistema físico. A entropia é comumente associada ao grau de “desordem” ou “aleatoriedade” de um sistema. De acordo com um dos enunciados da [2ª lei da termodinâmica](#), em um sistema termicamente isolado, a medida da entropia deve sempre aumentar com o tempo, até atingir o seu valor máximo. A entropia máxima corresponderia, pois, ao equilíbrio total do sistema, isto é, à sua morte térmica.

---

<sup>4</sup> O termo entropia foi originado a partir do grego “*entropêe*”, que significa “em mudança”.

Ao falar de entropologia, é inelutável remeter-se à antropologia. Etimologicamente, o termo antropologia deriva das palavras gregas “*anthropos*” (ser humano) e “*logos*” (ciência, estudo, conhecimento) e significa o estudo do ser humano. O objetivo da antropologia é buscar um entendimento amplo, comparativo e crítico dos seres humanos, seus conhecimentos e formas de ser.

Há muitas concepções relacionadas à antropologia, porém, aqui cabe ressaltar a definição feita por Claude Lévi-Strauss (1908-2009) em sua obra *Antropologia Estrutural* (1967) que “o antropólogo é o astrônomo das ciências sociais: ele está encarregado de descobrir um sentido para as configurações muito diferentes, por sua ordem de grandeza e seu afastamento, das que estão imediatamente próximas do observador.”

Na obra *Tristes trópicos*, em seus parágrafos finais, Lévi-Strauss considera a antropia<sup>5</sup>, como sendo uma espécie de “máquina de fabricação de entropia”. O profundo pessimismo de Lévi-Strauss traz as seguintes questões: Há uma vocação catastrófica da civilização? O homem é um agente do caos? A humanidade em geral é um agente hiper-entrópico?

Segundo o autor:

“O mundo começou sem o homem e se concluirá sem ele. As instituições, os usos e os costumes, que terei passado minha vida a inventariar e a compreender, são uma eflorescência passageira de uma criação em relação à qual possuem talvez o único sentido de permitir à humanidade desempenhar o seu papel”.<sup>6</sup>

Para o autor, a civilização não faz senão trabalhar para a “morte térmica do universo”, como também o processo civilizacional só faz acelerar a desintegração do cosmos, porém, ao considerar a diversidade dos povos humanos em vista do seu potencial entrópico, é possível afirmar diferentes

---

<sup>5</sup> Antropia é a ciência que estuda a chamada “antropização”, ou seja, ação do ser humano sobre o meio ambiente. Também pode ser a ação, o ato ou o resultado da atuação humana sobre a natureza, com intencionalidade de modificação, independentemente do juízo de valor que se lhe (à modificação da natureza) atribua.

<sup>6</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*; tradução: Rosa Freire d’ Aguiar. – São Paulo: Companhia das Letras, 1.996. p. 390-391.

conceitos de “sociedades”, como por exemplo, a distinção entre sociedades frias e sociedades quentes.

Enquanto as sociedades frias se caracterizam pelo desejo de suficiência capazes de controlar o potencial entrópico da antropia e com isso adiam incessantemente o equilíbrio termodinâmico, em contrapartida, as sociedades quentes são marcadas pelo desejo de expansão que irá conduzir a um comportamento predatório para o ambiente extra-humano, como também aceleram catastróficamente o equilíbrio termodinâmico.

É interessante ressaltar que o modo como as sociedades frias exploram o meio ambiente garante, ao mesmo tempo, suas vidas modestas e conseqüentemente a proteção dos recursos naturais. Este tipo de sociedade “ditas primitivas” apesar de terem sofrido todas as espécies de transformações (períodos de crise e de prosperidade, guerras, migrações, aventuras, etc.), perseveraram e mantiveram a sua principal preocupação em “perseverar em seu ser”, além de serem uma espécie de “sistemas abertos”, ou em possibilidade de abertura, são politicamente equilibradas e termodinamicamente instáveis.

Segundo o autor, a concepção que várias sociedades primitivas têm da relação entre natureza e cultura também explicam certa resistência ao desenvolvimento e à industrialização. Tal desenvolvimento ligado à civilização industrial, implica reconhecer prioridade absoluta à cultura sobre a natureza.

É importante ressaltar que a noção de natureza, entre os povos ditos “primitivos” sempre apresenta um caráter ambíguo, ou seja, a natureza é pré-cultura, subcultura ou ainda, o lugar onde pode-se comunicar com seus ancestrais, espíritos e deuses. Só pode haver vida e cultura, se existir a exterioridade.

Diferentemente das sociedades quentes, as sociedades frias tem em seu meio interno uma espécie de “zero de temperatura histórica”, por suas populações reduzidas (ao limitar ao extremo e manter constante a taxa de natalidade). Por outro lado, as sociedades quentes tem como características alguns pressupostos do sistema capitalista, como a hierarquização social, a

exploração do homem pelo homem, desigualdade social, desejo premente de expansão, etc.

No caso das sociedades frias, Lévi-Strauss apresenta um exemplo avesso ao destino fatal oriundo do processo entrópico da civilização. Tal exemplo é dado por um mito Klallam, onde alguns indivíduos conseguem reverter provisoriamente o aquecimento da Terra provocado pelo Sol.

A possível barbárie traz a devastação no sentido espiritual, político, econômico e ambiental. Onde diferentes humanidades e uma única catástrofe se interligam, faz-se necessário o compromisso do discurso filosófico da modernidade. O historiador indiano Dipesh Chakrabart nos alerta sobre as discussões sobre o conceito de liberdade no período decorrido desde o Iluminismo. Nunca houve qualquer consciência do poder geológico que os seres humanos estavam adquirindo através da aquisição da liberdade. Segundo o autor, é compreensível que os filósofos estavam mais preocupados em achar soluções plausíveis para que os seres humanos se libertassem da injustiça, opressão, desigualdade, etc. Nas palavras de Chakrabart:

“A mansão das liberdades modernas repousa sobre uma base de uso de combustíveis fósseis em permanente expansão. A maior parte de nossas liberdades até hoje consumiu grandes quantidades de energia. O período da história humana geralmente associado ao que hoje concebemos como as instituições da civilização – os primórdios da agricultura, a fundação das cidades, o surgimento das religiões que conhecemos, a invenção da escrita – iniciou-se há cerca de dez mil anos, quando o planeta passava de um período geológico, a última era do gelo ou o Pleistoceno, para o mais recente e calorífico Holoceno”.<sup>7</sup>

Podemos responsabilizar todos os seres humanos igualmente por ultrapassar dos limites planetários? Teriam os povos indígenas, ou grupos humanos com renda abaixo da linha da pobreza o mesmo peso sobre o planeta Terra que as grandes indústrias poluentes ou os habitantes dos países desenvolvidos?

---

<sup>7</sup> CHAKRABART, Dipesh. O clima da história: quatro teses. p.11

Embora a universalidade do Antropoceno promova uma sensação compartilhada de catástrofe e, por conseguinte, a reafirmação da humanidade como espécie, a mudança climática possibilitaria que o ser humano repensasse a sua condição, pois além da perda de biodiversidade, a ação geológica do homem poderia trazer a destruição do próprio homem e da própria natureza que o mesmo habita.

Inevitáveis questionamentos surgem a partir de tais reflexões: Estamos no controle das coisas? No que a catástrofe (o colapso do mundo) nos afeta? Seria possível por alguma experiência espiritual, romper ou subverter a motivação catastrófica da civilização? Há uma relação imanente entre Filosofia e Ambiente? Qual é a dinâmica do fluxo entre Filosofia (Espírito), Sociedade (Trabalho) e Meio Ambiente (Matéria)? Qual seria a relação entre ambos?

Ao problematizar o potencial entrópico da própria antropologia, Strauss aponta para a possibilidade de uma subversão da própria cultura antropocêntrica. O entropólogo proclama à abertura a fontes extra-humanas, como por exemplo, minerais, vegetais, animais, etc., como uma forma de interrupção em relação as atitudes destrutivas da natureza. Como é sabido, a cultura de um povo, diz respeito ao modo como a civilização se relaciona com o ambiente exterior. Aqui faz-se necessário outro questionamento: Será que a criação cultural depende da degradação ambiental, ou ainda, da desigualdade social?

Ao analisar o conceito de liberdade, é claro que temos diferentes significados em diferentes épocas, sendo um dos temas mais importantes da história humana. A máxima sartreana afirma que a liberdade é o fundamento de todos os valores. Aqui tanto a liberdade quanto a responsabilidade são de suma importância para a reversão urgente de um possível (e talvez muito próximo) cataclisma universal. Esta espécie de “aniquilação transformadora” não teria um sentido único de somente de responsabilizar aqueles que agem visando somente o seu bem estar, mas de salvaguardar o ser que não seja somente o ser humano.

Ao se referir à catástrofe, não se pode deixar de lado, a interpretação de que esta catástrofe nos afeta de maneira existencial, metafísica e afetiva. A

estranheza diante do mundo somado ao ideal moderno de controle e posse da natureza, são os resultados do nosso “estar no mundo”. A característica mais marcante deste existencialismo pode ser o fato de que a catástrofe objetiva do mundo serve apenas para mascarar uma outra catástrofe ainda mais significativa, ou seja, o esgotamento dos recursos subjetivos e vitais que atingem os contemporâneos.

### **Referências bibliográficas:**

CHAKRABART, Dipesh. O clima da história: Quatro teses. In: Sopro 91. Publicado originalmente em *Critical Inquiry*, 35 (2009); tradução: Denise Bottmann, Fernanda Ligocky, Diego Ambrosini, Pedro Novaes, Cristiano Rodrigues, Lucas Santos, Regina Félix e Leandro Durazzo; coordenação e revisão: Idelber Avelar. Julho/2.013.

COSTA. Alyne de Castro Costa. Guerra e paz no Antropoceno: Uma análise da crise ecológica segundo a obra de Bruno Latour. Dissertação de mestrado. Cap. 3. Rio de Janeiro. 2.014

\_\_\_\_\_. Virada Geo(nto)lógica: Reflexões sobre vida e não-vida no Antropoceno. In: *AnaLógos*, Rio de Janeiro, v.1, 2.016, p. 140-150.

CRUTZEN, Paul J, STOERMER, Eugene F. O Antropoceno.

DANOWSKI, Déborah. O hiperrealismo das mudanças climáticas e as várias faces do negacionismo. Disponível em: <https://docplayer.com.br/14780463-Sopro-70-abril-2012-o-hiperrealismo-das-mudancas-climaticas-e-as-varias-faces-do-negacionismo-deborah-danowski.html>. Acesso em 30 de junho de 2.019 às 16:08 p.m.

KOPENAWA, ALBERT, Bruce, Davi. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami/Davi Kopenawa e Bruce Albert; tradução: Beatriz Perrone-Moisés; prefácio: Eduardo Viveiros de Castro – 1.ª edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2.015.

LATOUR, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. *Revista de antropologia*, São Paulo, USP, 2014, v. 57 nº 1.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A antropologia diante dos problemas do mundo moderno; apresentação Maurice Olender; tradução Rosa Freire d’ Aguiar. – primeira edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2.012.

\_\_\_\_\_. História de Lince; tradução Beatriz Perrone-Moisés. – São Paulo: Companhia das Letras, 1.993.

\_\_\_\_\_. O homem nú (Mitológicas v. 4); tradução Beatriz Perrone-Moisés. – São Paulo: Cosac Naify, 2011.

\_\_\_\_\_. Tristes trópicos; tradução: Rosa Freire d' Aguiar. – São Paulo: Companhia das Letras, 1.996.

MARGULIS, SAGAN, Lynn, Dorian. O que é vida?; tradução: Vera Ribeiro; revisão técnica [e apresentação], Francisco M. Salzano. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2.002.

NARRATIVAS INDÍGENAS. A cosmopolítica das mudanças climáticas. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Narrativas\\_Ind%C3%ADgenas](https://pib.socioambiental.org/pt/Narrativas_Ind%C3%ADgenas). Acesso em 30 de junho de 2.019 às 16:13 p.m.

OS MIL NOMES DE GAIA: do Antropoceno à Idade da Terra. Colóquio internacional, Rio de Janeiro, 15-19 de setembro de 2.014.

STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes resistir à barbárie que se aproxima. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. Capítulos 4, 5 e 6.

VALENTIM, Marco Antonio. A sobrenatureza da catástrofe. Disponível em: <https://osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/11/marco-antonio-valentim.pdf>. Acesso em 30 de junho de 2.019 às 16:16 p.m.